

O TRABALHO COM O GÊNERO CONTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Maria Alves Linhares¹
Joana D'arc Magalhães de Holanda²
Juliana Portalete Silva³
Kellen Fabiane Ferreira⁴
Roger Viana de Queiroz⁵
Sara Oliveira e Silva⁶

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo contribuir para a discussão acerca da importância do trabalho com o gênero textual conto e a contação de histórias nos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, a partir de um trabalho bibliográfico, trazemos o conceito de gênero conto e a contação de como estratégia fundamental no contexto do processo de ensino-aprendizagem, apresentando maneiras de se utilizar a técnica corporal e oral para aprimorar a contação de história e, com isso, incentivar a prática e o hábito da leitura nos educandos. Concluímos que os contos de fadas podem e devem ser utilizados para além de um momento prazeroso, levando no decorrer do desenvolvimento da criança para uma vida adulta experiências culturais e lições de vida.

Palavras-chaves: Literatura infantil. Conto de fadas. Contação de história. Ensino-aprendizagem.

¹Licenciatura Plena em Formação de Professores do Ensino Fundamental I pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Pós-graduação em Coordenação Pedagógica pela Universidade 7 de Setembro - UNI7. Mestranda em Educação, com especialização em Formação de Professores, pela Universidade Europeia do Atlântico (UNEATLANTICO) - Funiber.

²Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Licenciatura Plena em Normal Superior pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Especialização em Gestão Geral e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Maciço Do Baturité - FMB. Mestranda em Educação, com especialização em Formação de Professores, pela Universidade Europeia do Atlântico (UNEATLANTICO) Funiber.

³Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil - Ulbra - Canoas. Pós-graduação em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo - UNICID. Pós-graduação em Psicopedagoga Institucional pela Universidade de São Paulo - UNICID. cursando 8º semestre - Administração pela Cruzeiro do Sul. Mestranda em Educação, com especialização em Organização e Gestão de Centros Educacionais, pela Universidade Europeia do Atlântico (UNEATLANTICO) - Funiber.

⁴Pedagogia em Docência e gestão educacional pela Universidade Estadual do Centro - Oeste - Unicentro. Pós-graduação em Educação Especial - com Ênfase na deficiência múltipla pela faculdade São Braz. Pós-graduação: Educação infantil e anos iniciais pela faculdade UNINA. Mestranda em Formação de Professores, pela Universidade Europeia do Atlântico (UNEATLANTICO) - Funiber.

⁵Licenciatura em Educação Física pela Estácio. Pós-graduado em Psicomotricidade Clínica e Institucional pela Faculdade Plus. Mestre em Educação, pela Universidade Europeia do Atlântico (UNEATLANTICO) Funiber.

⁶Bacharel em Administração com Habilitação em Marketing pela FASETE. Licenciada em História pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Pós-graduanda em Didática e Práticas em Alfabetização pela Faculdade Jardins. Mestranda em Educação, com especialização em TICs na Educação, pela Universidade Internacional Iberoamericana - UNIB.

INTRODUÇÃO

Os contos são textos narrativos que encantam crianças do mundo todo. Cada sociedade possui uma cultura diferente e, justamente por isso, os contos apresentam temáticas e versões diferenciadas. Apesar de serem histórias inventadas e fantasiosas, tais gêneros dizem muito sobre a sociedade em que estão inseridas, pois apesar de imaginária, é uma forma simbólica de representar a realidade e as adversidades do mundo real. Além disso, o conto não possui somente a função de divertimento e, socialmente, ele assume uma função educativa que, muitas vezes, acaba por reforçar certos padrões culturais de cada época.

Ao longo dos anos, essas narrativas estão presentes no cotidiano das pessoas, sendo uma das mais antigas e populares maneiras de repassar oralmente o conhecimento, a cultura e os costumes. O passar dos séculos não apagou as histórias, apenas mudou as formas de transmiti-las. Vale destacar que, no decorrer da história da humanidade, muitas foram sendo modificadas e adquiriram novos sentidos.

Arelada ao conto, as práticas de contação de histórias assumem um lugar significativo nas escolas, Entretanto, tal prática não deve ocorrer de qualquer maneira, tendo em vista que necessita uma reflexão e uma preparação por parte do professor contador. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho tem como objetivo principal mostrar a importância do gênero conto e da contação de histórias nos anos iniciais do ensino fundamental, auxiliando nas práticas de oralidade, leitura, interpretação e escrita textual.

Procuramos analisar como a contação de história, por parte do professor, pode influenciar o aluno a tomar gosto pela leitura e se tornar um leitor. A partir disso, visamos compreender as mensagens explícitas e implícitas no texto. E para além da contação, objetivar-se-á compreender de que maneira a caracterização, os gestos, expressões faciais, postura corporal e o tom de voz do professor no momento da contação podem contribuir para despertar o interesse pela leitura e com isso despertar no aluno o gosto e criar o hábito da leitura.

Nesse sentido, essa pesquisa justifica-se por destacar a importância do gênero conto no ensino fundamental e as possibilidades de se trabalhar e desenvolver as habilidades de leitura, interpretação, e escrita, ampliação do imaginário e criatividade. Partindo destas

considerações este trabalho pretende apontar as maneiras de trabalhar o conto como um instrumento importante no letramento, leitura de mundo, e no desenvolvimento cognitivo e afetivo de alunos do dos anos iniciais do ensino fundamental.

Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de cunho bibliográfico. A estrutura deste trabalho está disposta de forma que em um primeiro momento será abordada e analisada a história do conto. Em um segundo momento será discorreremos sobre sua estrutura e características do gênero. Após isso será analisado como ele deve ser trabalhado em sala de aula, focalizando o momento da contação. E por fim será discutido porquê é importante trabalhar com essa maneira mais sistematizada e ao mesmo tempo libertadora.

Nessa conjuntura, este trabalho organiza-se da seguinte forma: primeiramente, apresentamos a história do gênero, sua caracterização, conteúdo e estilo. Em seguida, propomos trabalhar a contação de histórias em quatro momentos: o estudo do conto antes da contação; o momento da contação; a roda de conversa após o conto; e por fim as atividades que devem ser feitas a partir dele, as quais são divididas em duas etapas: a artística e a escrita. Esta estruturação possibilita trabalhar este gênero textual de maneira mais consciente e humanizadora propiciando o letramento e não apenas a simples memorização ou decodificação de palavras. Por fim, concluímos o trabalho.

1 O GÊNERO CONTO: BREVE DEFINIÇÃO

Ao discorrermos acerca do conceito do gênero conto, partimos de uma abordagem bakhtiniana, que os denomina “tipos de enunciados relativamente estáveis”, pertencentes a diversas esferas da atividade humana, sempre relacionados com a utilização da língua. Cada enunciado reflete as finalidades e as condições específicas de cada esfera, não só por seu conteúdo, mas também por seu estilo e construção composicional. A variedade dos gêneros do discurso é infinita, posto que a multiplicidade da atividade humana é inesgotável (BAKHTIN, 2000).

Os contos são pequenas narrativas curtas que, de acordo com Coelho (2001), definem-se como o registro de um momento significativo na vida da personagem. Eles instigam a imaginação infantil, despertando fantasias a partir das situações apresentadas nas narrações. Também proporcionam emoções e sentimentos que estimulam o aprendizado em diversos momentos da vida escolar da criança.

Soares (1993) caracteriza o gênero conto como uma narrativa curta, a qual não possui análises minuciosas, bem como complicações no enredo. A história do conto ocorre em um tempo e espaço singulares. Para Abaurre (2007) o conto é uma narrativa que apresenta um narrador, poucas personagens, espaço e tempo. Ele é marcado por um clímax, em que a história chega no auge e, posteriormente, na resolução de um conflito.

Como já mencionado, o conto possui características próprias. Ele apresenta uma estrutura linear composta por quatro momentos: introdução, complicação, auge e desfecho. O eixo narrativo prima pela concisão, precisão e densidade. Possui um conflito, em um determinado espaço e tempo. Por retratar um momento importante na vida de uma pessoa/personagem e ser uma narrativa curta, simples e categórica, o conto permite à criança apreender o problema em sua forma mais essencial, pois uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela.

Segundo Oliveira (2010), podemos distingui-los em dois tipos: o popular e o literário. O conto popular está associado a narrativas tradicionais, transmitidas de geração para geração. Oralmente, conhecido como de “boca em boca”. O literário, por sua vez, é associado à modernidade. Trata de relatos concebidos por escritos e transmitidos da mesma forma.

No universo que envolve o conto, destacamos o conto de humor, os contos fantásticos, os contos de fadas, entre outros. Todos se caracterizam por terem uma estrutura composicional, um conteúdo e um estilo, conforme Bakhtin (2000) atribui a cada gênero. Nesse trabalho, daremos atenção para aqueles que podem ser trabalhados com crianças pequenas, sem dar ênfase a estas distinções.

Para Bakhtin (2000), os gêneros do discurso caracterizam por possuir uma estrutura composicional, um conteúdo e um estilo. Ao considerarmos o gênero conto, podemos definir seu plano composicional como aquele que possui características próprias, tais como título e parágrafos marcados por uma apresentação, um problema e/ou complicação e um desfecho. O conteúdo caracteriza-se por trazer histórias locais, relacionados a heróis, princesas, bruxas, dragões, entre outros. O estilo do conto pode relacionar-se a sua linguagem, marcada por traços conotativos e linguagem metafórica e, nesse caso, por textos narrativos.

Sponchiado e Kolln (2009) mencionam a importância dada a personagem principal nos contos infantis. Desde o início de cada conto, ela é adjetivada em abundância, fato que

a aproxima do leitor. Segundo as autoras, os elementos que constituem cada conto são: títulos, personagem principal e secundários, que pode ser reis, princesas, animais, camponeses, etc. Além disso, a delimitação do lugar em que ocorre a trama, um castelo, uma floresta, geralmente, distantes. Os acontecimentos ocorrem sempre no passado, sem delimitação, tendo em vista o uso do “era uma vez”, “há muito tempo”, entre outros.

A complicação do problema é o que vai trazer o poema ao ápice, ou seja, é o que vai colocar os personagens em perigo e apresentar as ações que tem como função o desenrolar da história, seu desfecho e a eliminação do mal. Geralmente, os contos apresentam finais felizes (SPONCHIADO E KOLLN, 2009). Esta estrutura mais resumida e simples permite a criança a melhor compreensão da realidade e conseqüentemente uma melhor reflexão sobre si e sobre o mundo que a cerca.

A arte de contar histórias é algo inerente ao ser humano, desta maneira os contos foram inventados muito antes de a nossa sociedade moderna existir e se configurar como ela é atualmente. Eles estavam presentes nas sociedades onde não existia o sistema de escrita e a oralidade era a maneira que as pessoas tinham de preservar sua cultura e suas tradições.

Os contos sobreviveram à idade média, moderna e renascentista. “Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades” (COELHO, 2005, p. 21).

A contação de histórias é uma das formas mais antigas de se passar ensinamento, valores, crenças e cultura para outras gerações. O que é preciso levar em consideração é que isso não significa que os contos em seu primórdio eram narrativas direcionadas para o público infantil como são atualmente. Isso ocorre, pois o conceito e a noção de infância não é algo natural, mas que foi socialmente construída.

O historiador francês Philippe Ariès (1981) afirma que somente no século XVII a criança passa a ser percebida como um ser dotado de características próprias, antes ela era vista como um adulto em miniatura. É necessário levar em consideração que os contos surgiram antes dessa noção de infância e principalmente, antes de nossa sociedade começar a pensar em escrever algo direcionado para crianças. Posto isso, em seu início o conto, mesmo o de fadas, não poderia ser considerado como pertencente a literatura infantil visto que não existia a noção de infância.

As primeiras produções infantis foram realizadas por professores e pedagogos no final do século XVII e durante o século XVIII. A literatura infantil propriamente dita surge somente no século XVIII, de acordo com Gongora e Martha (2009), esse gênero literário apresentava características muito peculiares, visto que ela surge em meio à ascensão da família burguesa e do espaço que a criança conquistava na sociedade. Entretanto,

[...] na segunda metade do século XVII, já se manifestava uma preocupação com uma literatura voltada para crianças e jovens, representada, principalmente, por Charles Perrault, na França. Mais tarde, os irmãos Grimm, na Alemanha, recolhiam contos populares e os destinavam ao público infantil. Nestas narrativas, todo o processo é vivido pela fantasia e o imaginário, com a intervenção de entidades com propriedades extraordinárias, como fadas, bruxas ou animais encantados, e, por esse motivo, os contos de fadas revelaram-se tão adequados ao público infantil. Cerca de vinte anos após a compilação dos Grimm, Hans Christian Andersen (1805-1875) inicia sua produção literária (GONGORA e MARTHA, 2009, p.118).

A partir destas constatações, é possível inferir que através da compilação de Perrault é perceptível que durante o século XVII está ocorrendo uma mudança na noção do que é a criança e infância. E, no século XIX, com os contos dos irmãos Grimm e Hans Christian Andersen esse conceito começa a inserir-se na sociedade.

Com o passar do tempo, as sociedades foram modificando-se, os contos acompanharam esse movimento e também sofreram transformações significativas. Vieira e Viana (2002) afirmam que os contos surgiram antes do período medieval, mas as versões que chegaram até nós foram produzidas nesse período histórico.

Os contos de fadas também retratam as condições de vida do mundo feudal. Isto é expresso claramente em O pequeno Polegar e em Joãozinho e Maria que contavam a aventura de crianças que eram abandonadas nas florestas pelos seus pais, devido a situação de miséria, o que era comum nas famílias dos servos submetidos à exploração do senhor feudal. (VIEIRA e VIANA, 2002, p.54)

Esta herança fica bem clara nos temas e nos ambientes em que se passam a maioria dos contos de fadas: reis, rainhas, castelos, florestas. Tudo isso é bem característico do mundo e do ambiente feudal da Europa medieval. Esses contos circulavam entre as pessoas do período medieval através da oralidade e sua função era divertir os adultos. Com o passar do tempo e o surgimento da noção de infância e da visão de criança como um ser de características próprias, os contos foram sendo compilados e adaptados para um público em específico, neste caso o infantil.

De acordo com Cheola (2006) as compilações e adaptações mais conhecidas atualmente são de Charles Perrault que no século XVII reuniu contos da tradição oral francesa para o filho do rei Luiz XIV e dos nobres do palácio de Versalhes. O autor afirma que a maneira com que Perrault escreveu e adaptou os contos orais para a forma escrita, é um retrato de como a nova concepção de infância estava se consolidando na Europa do século XVII.

Mais tarde, na Alemanha do século XIX os irmãos Grimm fizeram algo parecido com o que Perrault fez na França do século XVII. Cheola (2006) afirma que eles pesquisaram as histórias folclóricas da tradição oral, as compilaram e imprimiram. Por fim, os contos atravessaram séculos e continuaram a servir como importantíssimas formas de divertimento e ensinamento.

A partir destas reflexões acerca da história dos contos enquanto gênero literário, este artigo tem como objetivo refletir sobre a utilização dos contos de fada como instrumento para o efetivo desenvolvimento das habilidades de leitura, interpretação e escrita. Capacidades estas que apesar de relacionadas, exigem do aluno habilidades diferentes.

Em cada etapa da vida, a criança está exposta ao mundo social em que habita. Por isso, o conto serve como um instrumento simbólico para alertar as crianças dos perigos e mostrar a realidade de uma forma não tão massacrante. Assim, o conto não serve somente para trabalhar os conteúdos da Língua Portuguesa enquanto matéria. Ele também é utilizado como uma ferramenta educativa, ao mesmo tempo em que pode ser encarado como uma estratégia para ampliar o imaginário e a inserção social das crianças para enfrentar os problemas do mundo real através da ficção.

Nossa sociedade letrada valoriza em demasiado a leitura e a escrita, porém os professores não podem esquecer que a oralidade é uma habilidade importante de ser trabalhada e que deve ser desenvolvida nas escolas para os nossos alunos. “A iniciação literária desde a infância com livros de imagens com ou sem textos e o trabalho com contos podem ser uma grande alavanca na aquisição da leitura para além da simples decodificação do código linguístico” (SOUZA e BERNARDINO, 2011, p. 238).

Conforme Bettelheim (2007) desde que nasce, a criança começa armazenar informação sobre o que acontece no seu de redor, a partir do que lhe é repassado. A escola

vai lapidando essas informações, transformando em momentos ricos de aprendizagem. Assim, o conto contribui para a formação de sua personalidade, contribuindo para

[...] regular os problemas psicológicos do crescimento, (superar as ‘decepções narcísicas, os dilemas edipianos, as rivalidades fraternas; ser capaz de renunciar às dependências da infância, afirmar sua personalidade, tomar consciência de seu próprio valor e de suas obrigações morais), a criança tem necessidade de compreender o que se passa em seu ser consciente, para fazer face igualmente ao que se passa em seu inconsciente (BETTELHEIN, 2007, p.16)

Partindo deste pressuposto, o conto deve ser encarado como um importante instrumento de formação, pois revela a realidade e as angústias do ser humano através de uma linguagem e uma imagem figurada do mundo real. Isso é muito importante para a criança, pois possibilita que ela reflita de forma inconsciente ou até mesmo consciente sobre assuntos pertinentes ao seu desenvolvimento. É a partir dos elementos fantasiosos presentes no conto que ela “socializa formas que permitem a compreensão dos problemas, configura-se também como ponto de partida para o conhecimento do real e a adoção de uma atitude libertadora” (ZILBERMAN, 2008, p.37).

Segundo Bettelheim (2007), o conto insere a criança em sociedade, tornando a mesma esclarecida e enriquecendo sua cultura e seu conhecimento para toda a vida. O primeiro contato das crianças com este tipo de história ocorre por meio de pessoas próximas, como seus pais, que lhes transmitem oralmente usando exemplos do seu cotidiano. Através da leitura ou da narração, a criança viaja por um mundo imaginário e também faz comparações com a realidade na qual está inserida. Ele também afirma que através da fantasia e da imaginação, esse gênero textual permite a criança aprender a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual.

2 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS E O PAPEL DO PROFESSOR

Na antiguidade, a contação oral de histórias foi vista, por muito tempo, com um olhar inferior à escrita. Essas práticas ocorriam ao redor da fogueira e os mais velhos contavam suas lendas e contos, disseminando a sua cultura e os seus costumes. A atividade de ouvir histórias era tomada como simplória, “isto explica por que durante tanto tempo esta prática foi rejeitada pela sociedade. Essas lendas e contos eram histórias do imaginário popular pertencentes à memória coletiva, destinadas a ouvintes, adultos e crianças, que não sabiam ler” (SOUZA e BERNARDINO, 2011, p. 236).

Na escola, cabe ao professor auxiliar ao aluno a fazer uma leitura de mundo a partir das narrativas trabalhadas. Para isso, é necessário construir uma sequência de atividades de leitura que priorizem e valorizem a criatividade e expressividade da criança. De acordo com Coelho (2005), é importante que o docente deixe isso florescer através de desenhos feitos pelos alunos, após a leitura, e através de uma roda de conversa, em que o diálogo aberto deve oportunizar a criança expressar sua opinião e, a partir disso, refletir de forma introspectiva sobre seus medos, angústias, sentimentos e, de certa forma, sua própria história de vida.

Durante muito tempo a arte de contar histórias era uma atividade realizada nas casas, no seio familiar (RAMOS, 2011), tanto que até hoje o primeiro contato que temos com a literatura, são através da oralidade quando nossos pais contam histórias para nos divertir ou até mesmo para nos fazer dormir. Assim, o ato de contar histórias sempre foi uma prática social fortemente repetida, passada de pai para filho. O advento da imprensa, o desenvolvimento tecnológico e o surgimento de novas mídias (televisão, cinema, internet) influenciaram diretamente as formas tradicionais de se contar histórias (OLIVEIRA, 2010).

Por isso, a escola enquanto instituição responsável pela transmissão de conhecimentos acumulados, deve ter na contação de histórias um recurso metodológico que propicie a criança estar em contato com a leitura literária. Isso pode ser uma das maneiras de formar leitores críticos. O conto instiga a criança a ouvir, a contar, a pensar (OLIVEIRA, 2010).

Durante muito tempo o ato de contar histórias nas escolas era tido como uma forma de entreter, distrair e relaxar as crianças, e ainda em algumas instituições continua a ser assim. Mas neste século XXI tem ressurgido a figura do Contador de Histórias, ou o Professor/Contador de Histórias, e a sua importância no âmbito educacional e emocional das crianças, com presença certa em bibliotecas, feiras de livros, livrarias e escolas (SOUZA e BERNARDINO, 2011, p. 235).

O trabalho com o conto, na escola, pode ser uma excelente maneira de trabalhar a oralidade nas práticas de ensino e aprendizagem, uma vez que auxilia quem conta, quem lê e quem ouve. Nesse cenário, a figura do professor contador de histórias se mostra como de suma importância. Através do trabalho com o gênero conto em sala de aula, a criança passa a perceber a existência de uma organização social, fazendo uma reflexão com sua realidade (OLIVEIRA, 2010).

Uma das formas de trabalhar o conto, na escola, pode ocorrer por meio da contação de histórias e de leituras individuais e coletivas com os alunos, pois,

[...] mais do que um simples contador de histórias, o professor que trabalha com crianças e utiliza-se da magia dos contos de fadas, consegue fazer com que a mente de seus alunos realmente voe. Apesar de viverem em um mundo onde não existem palácios ou lindas florestas, os jovens estão sempre em busca do desconhecido, do que parece “mágico” como nos contos de fadas, na maioria das vezes contrariando os avisos de perigo dados pelos pais (BENETON, 2013, p.5).

Nesse contexto é que defendemos a importância da leitura de contos nos anos iniciais do ensino fundamental. Elas contribuem para o desenvolvimento da criança, além de ajudar a criar o hábito da leitura e auxiliar na oralidade, visto que quanto mais contato com a leitura, melhor será a fala e a escrita. Ou seja, quanto mais cedo inserida no mundo dos livros, melhor será o desenvolvimento social da criança. Através disso, percebe-se a importância de apresentar desde cedo livros e aguçar a imaginação, pois

[...] enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIN, 2007, p. 20).

Ao tratarmos a literatura infantil, na escola, destacamos as Orientações Pedagógicas para o ensino de nove anos: anos iniciais do ensino fundamental, uma vez que o documento destaca que

538

A literatura será merecedora de atenção especial nesse período da escolaridade, pois, além de estimular o processo de alfabetização, desenvolve o espírito criativo, crítico e intelectual. Conviver com histórias, leitores e livros é fator decisivo para a formação do leitor, conforme revelam inúmeros estudos da área (PARANÁ, 2010, p. 145).

Isso quer dizer que para o desenvolvimento da criança, a literatura Infantil precisa ser trabalhada desde muito cedo, pois desperta a imaginação e a criatividade. Ao ouvir uma história, a criança, muitas vezes, se vê dentro do que está acontecendo na história e é muito gratificante ser responsável por uma atividade tão saudável que é a leitura, na medida em que ela cresce, esse gosto vai se aprimorando e a criança aprende a ouvir as histórias e a gostar de ler (ABRAMOVICH, 1997).

Ao investigar o papel da literatura infantil, Allebrandt (*apud*, RAMOS, 2011) afirma que há pessoas que veem na contação de histórias um recurso para solucionar problemas relacionados à leitura e a escrita ao passo que ela articula as diversas habilidades que envolvem a linguagem, tais como a;

[...] literatura, fala, leitura escrita, gramática e escuta. Os resultados da pesquisa indicam que o trabalho com a literatura infantil, além de desenvolver o imaginário, possibilita a ampliação do conceito de texto e o conhecimento de tipologias textuais, bem como de aspectos externos/formais, gramáticas e relações de textualidade (ALLENBRANDT, 1999, *apud* RAMOS, 2011, p.35).

De acordo com Freire (2008), a leitura do mundo antecede a leitura da palavra. Partindo desta afirmativa e concordando com o pensador brasileiro, pode-se afirmar que os contos ajudam a criança a perceber o mundo que está a sua volta e a fazer/construir sua leitura de mundo. A importância do professor como um contador de histórias reside no fato de que ao se utilizar de várias linguagens como gestos, expressões faciais, tom de voz e outros métodos de contação (fantoques, dedoches, teatros), ele tem o poder de auxiliar a criança a ampliar ainda mais seus horizontes e sua visão de mundo (SOUZA e BERNARDINO, 2011).

Os bonecos atraem as crianças proporcionando o prazer de dar vida e voz a eles; graças ao fantoche pode-se superar a timidez que dificulta a comunicação e podem ser expressos sentimentos. O teatro de fantoches ensina a criança a prestar atenção no mundo sonoro, é um excelente recurso didático onde os professores podem abordar assuntos do conteúdo programáticos, focalizando o interesse para o assunto proposto, enriquecendo a aula (SOUZA e BERNARDINO, 2011, p. 244).

No capítulo intitulado oralidade, “fantasia e infância: há lugar para os contos de fadas na escola”, presente no livro “Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento”, as pesquisadoras Alves, Espíndola e Sanchez Massuia (2011) abordam a problemática da oralidade e da fantasia na infância através do conto de fadas e qual o papel da escola perante este tema. No intuito de discutir o lugar dos contos de fadas na escola hoje, e de que maneira é possível fazer uso deles na prática cotidiana sem cair em equívocos, as autoras apresentam algumas reflexões de como usá-los na sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental. 539

Vale lembrar que a contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer a prática docente na educação infantil e ensino fundamental. “A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil” (SOUZA e BERNARDINO, 2011, p. 237).

De acordo com Alves *et all* (2011), em primeiro lugar é necessário que o professor tenha bem claro em sua mente as características do conto enquanto gênero textual e seu significado para o desenvolvimento do imaginário infantil. Os alunos devem ficar livres

para representar o sentido da história para sua vida, ou seja, o professor não deve, sob hipótese alguma, impor a sua interpretação do conto na mentalidade das crianças. Nesse primeiro momento, a contação da história deve ocorrer de maneira lúdica, no intuito de estimular a fantasia da criança.

Alves *et all* (2011, p. 111) recomendam “planejar a contação de diferentes contos, utilizando estratégias diversificadas, adequadas à faixa etária e a peculiaridades do grupo específico em questão”. As atividades de contação de histórias sugeridas pelas pesquisadoras compreendem quatro etapas com propósitos diferenciados: “a conversa antes da história, a contação propriamente dita, a conversa após a história e a atividade prática dividida em dois momentos - artístico e escrito)” (ALVES, *et all*, 2011, p.111).

O primeiro momento é a conversa antes da história cujo principal objetivo é “fazer combinados a respeito do comportamento dos alunos durante a narrativa, esclarecendo se poderão ou não fazer comentários e outras intervenções” (ALVES *et all*, 2011, p.111). Aqui também pode ser levantado os conhecimentos prévios dos alunos, aquilo que já sabem sobre o texto, as versões conhecidas, quando conheceram, se tem o hábito de ler ou se os pais costumam contar histórias para eles.

O contato com os livros deve ocorrer desde cedo, não só pelo manuseio, mas pela “história contada, pelas cantigas, pela conversa, pelos jogos rítmicos, incentivando a criança a gostar da leitura. A partir daí, emerge o interesse de ter como público-alvo a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental” (LIPPI e FINK, 2012, p. 22).

O segundo momento é a contação propriamente dita. Ela não deve ser realizada de qualquer maneira. O primeiro passo é escolha adequada da história. Isso dependerá do comprometimento do professor que deverá buscar a melhor versão ou adaptação de acordo com a faixa etária e características da turma. O segundo passo é ler e reler a história no intuito de decorá-la para melhor contá-la e fazer as adaptações necessárias visto que, de acordo com Coelho (2005), nem toda história lida nos livros está pronta para ser contada, os gestos, a entonação de voz e a forma de contá-la influenciam significativamente para sua compreensão. Além disso, a história escolhida precisa ser adequada aos ouvintes quanto ao gosto e ao interesse.

Esse momento de leitura, memorização e reflexão da história por parte do professor é extremamente importante, pois no momento da contação é necessário que as gravuras do livro estejam voltadas para as crianças no intuito de despertar o maior interesse dos alunos e

fazer com que eles prestem mais atenção possível na história. Esse momento de preparação também auxilia o professor a utilizar melhor a gesticulação e as expressões faciais, o que é extremamente importante, pois instiga mais ainda a curiosidade dos pequenos e permite uma melhor e mais ampla interpretação. Afinal, ninguém gosta de um contador ou ouvir histórias sem empolgação. Por isso, nos momentos de suspense o professor pode fazer uma pequena pausa. Nos momentos de tristeza ele pode se mostrar triste como se representasse o sentimento dos personagens através do tom de voz, do ritmo e das expressões (LIPPI e FINK, 2012).

Os momentos de suspense e emoção são importantes para o sucesso da história contada. O contador de histórias deve deixar que as crianças imaginem a história partindo do seu mundo de fantasias e encantamentos, fazendo com que ela interaja mais de perto com o enredo e se interesse mais por ele. Para que isso aconteça, é preciso que haja muita pesquisa por parte do contador, em que se busque novos recursos, leituras para conhecer melhor a arte de contar histórias e descobrir o que a criança vai gostar de ouvir e de ver durante a prática de contação de histórias (LIPPI e FINK, 2012, p. 23).

O terceiro passo é a contação propriamente dita. Com relação a melhor forma de contar histórias para as crianças, *Alves et all* (2011, p. 112) afirmam que,

[...] no que diz respeito ao conto de fadas, a simples narração representa o melhor método de contação. (...) É importante valorizar cada detalhe da trama permitindo que os ouvintes recorram à imaginação para criar um cenário particular da história. (...) A leitura deve ser feita em voz alta, pausadamente e com fluência; o texto deve ser, preferencialmente, memorizado com antecedência pelo contador, assim o livro servirá apenas como apoio, mostrando as imagens para as crianças ao final da leitura de cada página.

541

Dessa forma, uma boa preparação induz a uma boa contação, enriquecendo o significado da história e sua respectiva compreensão. De acordo com Ramos (2011, p.28), “a contação de história no contexto escolar é um dos recursos que o professor tem disponível para fazer com que seus alunos submerjam no mundo da leitura”. Para Rosa e Nunes (2011), ao narrar uma história o contador deve transmitir emoções referentes à essência dos fatos, para que o ouvinte possa mergulhar e construir suas fantasias, ilusões ao ouvir a história. Muito mais do que fazer com que a criança preste atenção na história, essas estratégias também permitem que o aluno perceba o quão prazeroso é descobrir coisas novas através da leitura desperte nele o gosto pela e o hábito da leitura.

O terceiro momento diz respeito à conversa após a história, cujo objetivo principal é

[...] explorar e aprofundar elementos importantes do conto, estabelecer relações com outras histórias, ampliar o entendimento dos alunos ao ouvir os colegas e especialmente, proporcionar um espaço onde os alunos possam falar livremente e o professor esteja disposto a escutá-los (ALVES *et all*, 2011, p.113).

Neste momento, o professor pode preparar um questionário com perguntas relacionadas à história, as quais devem permitir que o aluno reflita os acontecimentos através de vários ângulos. Por exemplo, pode ser perguntado: Qual parte da história você mais gostou e por quê? Qual personagem você mais gostou? O que você faria se fosse a personagem principal ou a secundária? E se você fosse uma das irmãs dela, ou então a madrasta, como agiria? Qual personagem você mais gostou, por quê? Se você fosse a fada madrinha e tivesse poderes, castigaria a madrasta e as irmãs da cinderela, por exemplo? O que você pensa sobre pessoas que maltratam os outros? Cada professor deve elaborar tais perguntas levando em consideração o conhecimento prévio dos alunos e o perfil da turma. Essas e outras questões podem e devem ser feitas para que além da sua opinião a criança consiga expressar seus sentimentos, emoções, angústias e que a partir disso ela reflita sobre questões importantes para a vida.

O quarto e último momento refere-se às atividades que podem e devem ser realizadas a partir do conto. Alves *et all* (2011, p. 114) salientam que elas devem propiciar

[...] que a criança entre em contato com angústias, lutas, frustrações, medos, alegrias e sucessos dos personagens e desenvolver um olhar mais otimista sobre seus próprios sentimentos. Reconhecer-se nesses sofrimentos pode tornar, fantasiosamente, seus conflitos mais amenos e possíveis de enfrentamento.

542

Tais atividades subdividem-se em duas etapas, a artística e a escrita. Ambas têm como objetivo oferecer um espaço apropriado à criação. Uma estratégia proposta por Alves *et all* (2011) é disponibilizar fantoches ou dedoches para que as crianças dramatizem a história. Outra possibilidade é permitir que as crianças representem o momento da história que mais gostaram através de desenhos e pinturas. Com relação à produção escrita, as pesquisadoras sugerem atividades que a partir da história possibilitam o trabalho com outros gêneros textuais, como por exemplo, a produção de cartas, bilhetes, convites, entre outros.

A partir disso o universo social e cultural dos alunos é ampliado através do contato com diversos textos, do desenvolvimento da criatividade, da habilidade da escrita e da oralidade. A metodologia e as atividades propostas funcionam como um elo entre as práticas orais vividas pelas crianças e o contexto social e escolar. Tal proposta de trabalho permite uma leitura que não deturpa e não afasta a criança da leitura literária e que desenvolve o gosto pela leitura de histórias.

CONCLUSÃO

Primeiramente, através deste artigo, apresentamos o gênero conto, sua história, caracterização, métodos utilizados para a contação e interpretação do mesmo, seu conteúdo e estilo. Em seguida, mostramos a importância do professor enquanto mediador e contador de histórias, abordando questões pertinentes a esta prática, tais como tom de voz, caracterização, expressões faciais e utilização de fantoches, teatros, livros ou outros materiais de apoio.

De acordo com a bibliografia analisada, conclui-se que os contos de fadas podem e devem ser utilizados para além de um momento prazeroso, levando no decorrer do desenvolvimento da criança para uma vida adulta experiências culturais e lições de vida.

Desta maneira, a estrutura desse gênero textual, a luta do bem contra o mau, o final feliz serve como um instrumento que auxilia os alunos no desenvolvimento de sua personalidade, superação de conflitos, imaginação, sensibilidade, senso crítico, oralidade ampliação do conceito de mundo, construção de identidade e no enfrentamento de problemas da vida real de maneira lúdica e saudável.

O papel do professor como contador e mediador entre o universo fantasioso e a 543
criança é muito importante nesse processo de conhecimento do mundo e de autoconhecimento. Através de um bom planejamento, o professor evita cair no uso equivocado do conto em sala de aula, sendo um gênero literário ele pode se transformar em um saber escolar, mas não pode ser escolarizado. Ao ser trazido para sala de aula ele deve aguçar nos alunos o senso crítico e a criatividade.

A partir da análise de todos esses autores, concluímos e afirmamos que os contos de fadas através da contação de histórias, devem ser trabalhados como um instrumento importante, principalmente, no processo de letramento e no desenvolvimento intelectual, social e cultural da criança. Ele auxilia muito mais a criança na construção da leitura de mundo do que na decodificação de símbolos e sons. Posto isso, a contação de história se configura como uma atividade que trabalha não só conhecimentos, como também valores.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M.L. **Produção de texto: interlocução e gêneros**. São Paulo: Moderna, 2007.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Spicione, 1997.

ALVEZ, Aletéia Eleutério. ESPÍNDOLA, Ana Lucia. SANCHEZ MASSUIA, Caroline. **Oralidade, fantasia e infância: há lugar para os contos de fadas na escola?** In: JUNQUEIRA DE SOUZA, Renata. TAGLLIARI FEBA, Berta Lúcia (organizadoras). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento.** Campinas, São Paulo: Mercado das letras, 2011, p.97 -122.

ARIÈS, Philippe. **A história social da criança e da família.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal.** Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BENETTON, Kelly Haro. **Os contos de fadas e a formação do ser humano.** In: Periódico de Divulgação Científica da FALS Ano VII - Nº XVI- DEZ/ 2013.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. **“Quem conta um conto”.** In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de e MENDONÇA, Rosa Helena (orgs). **Práticas de leitura e escrita.** Brasília: Ministério da Educação, 2006.

COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade.** São Paulo: Ática, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise.** 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil Teoria Analise Didática.** 7ª edição. São Paulo. Moderna, 2005.

GONGORA, Ana Paula Sversuti; MARTHA, Alice Áurea Penteado. **Temas e imagens polêmicas nos contos de Hans Christian Andersen.** In: CELLI – Colóquio de estudos linguísticos e literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 118-128.

PARANÁ. **Ensino fundamental de nove anos: orientações pedagógicas para os anos iniciais / autores: Ângela Mari Gusso [et al.] / organizadores: Arleandra Cristina Talin do Amaral, Roseli Correia de Barros Casagrande, Viviane Chulek.** -Curitiba, PR :Secretaria de Estado da Educação 2010.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contaçon de histórias: um caminho para a formação de leitores?** Londrina, 2011. Disponível em: << http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011_-_RAMOS_Ana_Claudia.pdf>> Acesso em: 20 de julho de 2017.

ROSA, Maria Eunice de Almeida. NUNES, Rosemeire Irene da Silva. **Literatura infanto-juvenil: contaçon de histórias na escola e na biblioteca.** In: XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários.** São Paulo: Ática, 1993.

SPONCHIADO, Márcia R. KOLLN, Maura Teresinha. Gênero textual conto de fadas. In: **Sequência Didática: uma proposta para o ensino da Língua Portuguesa no ensino fundamental: anos iniciais / Organização de Teresinha Conceição Costa-Hübes e Carmen Teresinha Baungärtner.** Cascavel: Assoeste, 2009.

VIANA, Nildo. VIEIRA, Renato gomes (orgs.). **Educação, cultura e sociedade: abordagem crítica da escola.** Goiânia, Goiás, 2002.

ZILBERMAN, Regina. “Mas por que não educa mais?”, in: ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro. **Da literatura e pedagogia ponto e contraponto.** 2^a ed. São Paulo: Global; Campinas

OBRAS CONSULTADAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 49^a ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro, editora: Objetiva, 2002. p. 45, 69, 146.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **A arte do conto: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres.** Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.